

101 FALARES COM JEITO

Fernando Vasquez Corredoira



C O N T E Ú D O S

Agradecimentos	9
Prólogo do editor	11
Apresentação	17
Signos	25
101 Falares com jeito	27
Exercícios	143
Solução dos Exercícios	159
Índice	171

P R Ó L O G O D O E D I T O R

Não lembro o dia exato em que conhecim o Fernando Corredoira mas recordo bem as experiências que compartimos no departamento de português da EOI de Ourense. Para além de pequenas aventuras, conversas de licor café na Auriense e batalhas no Age of Empires, o que mais lembro é a sensação de ele estar noutra divisão em termos de conhecimentos linguísticos e do muito que aprendim na interação com ele. O *Falar com Jeito* recolhe a essência desse aprendizado.

Se fizéssemos um percurso polos estudos linguísticos e manuais editados na Galiza a respeito do modelo de língua, repararíamos como no século XX o foco é a forma. Para já, a ortografia: quando se escreve com SS ou com S? ou quando com X, G ou jota? ou ainda, *exigir* ou *esixir*?

Um outro escopo tem sido, e ainda o é, a forma lexical e gramatical como podemos testar nos manuais de dúvidas linguísticas:

Disfraz, disfarce ou disfrace?

Janela, xanela, ventá ou fiestra?

Ata ou até?

Ora, existe uma área onde, sintomaticamente, poucas pessoas se têm detido: o significado das palavras. Por que sintomaticamente? Porque é um dos estádios que revela uma maior (auto) consciência linguística.

O *Falar com Jeito* nasceu, na sua versão eletrónica, em 2002. Vinha a preencher uma lacuna importante e dar umas informações que um usuário, uma usuária galega da nossa língua não podia encontrar com facilidade. O plano era juntar num mesmo espaço dados que mal conhecíamos de forma mui esparsa.

O alvo do *Falar com Jeito* não era, não é, a forma das palavras. O *Falar com Jeito* é valiosíssimo porque nos indica duas cousas:

1- Não tudo é o que parece.

2- Não vale tudo.

Quando duas línguas são muito próximas, e a nossa e o castelhano o são, uma realidade emerge sempre: os falsos amigos. Nascem sobre a base de uma grande proporção de léxico comum. Se pegamos no dicionário Estraviz e no Maria Moliner, não nos deveria surpreender o número de palavras comuns, para além de pequenas variações formais:

porto/puerto, terra/tierra... ensinar/enseñar, eleger/elegir...

Ora, não tudo é o que parece. Quando duas línguas são na verdade duas línguas, os seus falantes operam com elas de forma autónoma e as palavras podem alcançar, de facto o fazem, significados diferentes. Uma língua germânica como o inglês, embora cheia de palavras latinas, arroja um caudal amplo de falsos amigos: library, casualty, journal ou parents, e é preciso insistir: é uma língua germânica.

Entre a nossa língua e o castelhano existem, segundo o brasileiro Fabio Marzano, autor do *Dicionário Espanhol-Português de Falsas Semelhanças*, 1.400 falsos cognatos. Ora, se alguém fizer o experimento, e eu tenho feito várias vezes, de convidar alguém a dizer falsos amigos entre a nossa língua e o castelhano no tempo de um minuto, descobrirá que raras vezes se passa dos corriqueiros *polvo* e *anho*.

Algo está a acontecer, não é? Talvez que um dos sintomas da secundarização da nossa língua a respeito do castelhano se evidencie nesta área.

Assim sendo, o *Falar com Jeito* que tendes entre as mãos vai-nos indicar que não é o mesmo *mostrar* que *ensinar* (como não é o mesmo *mostra* que *ensino*) e que *logo* e *depois* têm significados diferentes.

A segunda revelação do presente manual é que **não vale tudo**. Outro dos sintomas mais berrantes de que a nossa língua, na Galiza, está secundarizada é o fenómeno do decalque linguístico. Um decalque constrói-se quando se cria uma palavra de uma língua A tomando como base a estrutura de uma língua B. Os exemplos na Galiza, além de serem numerosos, mostram uma atitude já instalada, inclusive entre a maior parte dos linguistas:

<i>callejero</i>	→ <i>rueiro</i> (<i>roteiro</i>)
<i>inalámbrico</i>	→ <i>inarámico</i> (<i>sem fios</i>)
<i>espejismo</i>	→ <i>espelhismo</i> (<i>miragem</i>)
<i>alto el fuego</i>	→ <i>alto o fogo</i> (<i>cessar-fogo</i>)

Esta dinâmica vem a evidenciar que a língua a sério é o castelhano enquanto a nossa é construída sobre os seus parâmetros.

Nesta área, o *Falar com Jeito* advertirá-nos que estruturas como *desde logo*, *folga sindical* ou *posta ao dia* são decalques e que em seu lugar podemos utilizar *com certeza*, *greve sindical* ou *atualização*.

Enfim, estamos perante um manual eficaz para construir um formato de língua autónomo a respeito do castelhano e em termos internacionais, útil.

Valentim R. Fagim

A P R E S E N T A Ç Ã O E P R O P Ó S I T O

A ação da influência do castelhano sobre a nossa língua é devastadora. Os campos léxicos e semânticos que sofreram de forma mais acentuada a invasão castelhana (eclesiástico, legal, educativo, científico, comercial, industrial, técnico e mediático) recobrem exatamente as áreas da vida social das quais o galego (quer dizer, as pessoas que falavam galego) foi excluído ou nem chegou a participar. Esta invasão acabou por atingir tal intensidade que «nalguns casos os galego-falantes espontâneos são incapazes de reconhecer algumas palavras tradicionais como galegas, e consideram o castelhanismo substituto como autenticamente galego.»¹

- 1.- H. Monteagudo e A. Santamari-
na, "Galician and Castilian in con-
tact: historical, social and
linguistic aspects", in Rebecca
Posner; John N. Green (eds.),
*Trends in Romance Linguistics and
Philology*, vol. 5 (1995), pp. 163.
A tradução do inglês é minha.

Só «nalguns casos»? Apenas «palavras»? Unicamente os «falantes espontâneos»? E, mais fundamentalmente, são os galego-falantes, espontâneos ou não, capazes de reconhecer o lugar que ocupa a sua língua entre os idiomas peninsulares? Suspeito que, no fundo, deveríamos admitir a nossa ignorância sobre o que é um «castelhanismo». Ou, por outras palavras, será que sabemos bem o que é «authentically Galician»?

É claro que algumas das interferências lexicais mais conspícuas, aquelas palavras cuja forma resulta duma evolução caracteristicamente castelhana (*suelto, guebo, piel...*), foram identificadas como castelhanismos pelos filólogos (e, enquanto tais, proscritos pelas Normas, com duvidosos efeitos, aliás, sobre a «língua espontânea») e é provável que também os falantes «espontâneos» tenham consciência dalguma destas interferências. Mas não me parece que devamos exagerar a perspicácia popular (e, sobretudo, o interesse) em matéria de interferência (o falante voluntarioso imaginado por R. Dieste em *A Vontade de Estilo na Fala Popular* parece mais uma personagem estilizada do que um ser real)². Sobre isto quero referir uma conversa que julgo bem ilustrativa. Trata-se do diálogo que manteve com o empregado duma agência imobiliária de Ourense:

Eu:... e ademais está ao lado dos [f]ardins.

Empregado: Si, está ao lado dos [f]ardins, como tu dis.

2.- A Vontade de Estilo na Fala

Popular. Discurso lido o dia 18 de abril na sua recepción pública [na Real Academia Galega], por don Rafael Dieste e resposta de don Domingo García-Sabell, A Coruña, Edición do Castro, 1971.

Eu: *E logo, como se di?*

Empregado: *Bueno, nós aqui dizimos [x]ardis. Bueno, são diferentes formas de falar o galhego.*³

E o que se poderia dizer das inúmeras palavras hoje de uso geral cuja forma não nos permite reconhecê-las como castelhanismos (*grifo, gafas,...*) ou da introdução de sufixos da língua dominante (*-ión, -les, -umbre, -eria, -sis*) ou de alterações diversas (*orquesta, dizer, servício, respeito...*)? De facto, alguns destes pontos e outros são motivos duma acirrada disputa entre especialistas cujos ecos mal chegam a uma opinião pública bem mais atenta às peripécias do «Gran Hermano» do momento. Na verdade, se algo pode dizer-se do tema dos *castellanismes a casa nostra* não é que seja «un dels grans assumptes d'interès public».⁴

E note-se que, se bem que muitos dos castelhanismos são de carácter substitutivo, isto é, vieram deslocar um lexema preexistente em galego (*rodilla por joelho / gionlho, silla por cadeira, abuelo por avô, orfebre por ourives, dulce por doce...*), a maioria são neológicos, quer dizer, foram introduzidos na língua com o aparecimento duma nova realidade (*ordenador, bombilla, bordillo, acera, presupuesto, abono, pienso, instalación, piso, bache, pinchazo, aficionado, hormigón, andén, atmósfera, oxígeno, bocadillo, grifería, enchufe, moqueta, váter, rascacielos, huelga...*). Pouco importa a origem primeira des-

3.- Os símbolos [j] e [x] representam respetivamente o 'j' galego e o 'j' castelhano.

4.- Como diz G. Bibiloni (<http://www.racocatala.com/cat/1714/>), em referência ao interesse público que suscitam os castelhanismos na comunidade linguística catalã.

tes e de milhentos outros vocábulos que poderiam acrescentar-se. Todos penetraram na nossa língua (na Galiza) através da interposição do castelhano.

Importa ressaltar este último ponto. O castelhano não se limita a interferir diretamente sobre o galego, atua também como uma verdadeira al-fândega linguística. De maneira que os Galegos integramos na língua aqueles (e só aqueles) anglicismos ou galicismos incorporados pelo castelhano. E, ao contrário, se por qualquer razão o termo inglês ou francês não é aceito nessa língua e se inventa um substituto vernáculo, este serve também para o galego, após eventual adaptação. Dou-vos um par de exemplos:

Football – O substituto vernáculo castelhano (*balompié*) não vingou. A ter prosperado, sem dúvida teríamos hoje em galego *balompé*, como temos *balomán* e não *andebol*.

Grève – Neste caso, a forma vernácula, adaptada semanticamente, *huelga*, prevaleceu sobre o francesismo. De modo que *também* em galego temos um enxebríssimo *folga* (não em boca dos idolatrados «spontaneous Galician-speakers», que dizem, como se sabe, *guelga*). Seria um desatino afirmar que, se os Espanhóis tivessem vernaculizado a palavra francesa, a ninguém passaria pela cabeça a ideia de recorrer a *folga* para substituir o galicismo? Mesmo porque, *greve* já não seria sentida como palavra francesa. Não. Seria tão galega como *pantalons*, *ordenador* ou *bufanda*.

E ainda outra observação: se a castelhanização lexical não é mais ostensiva é porque galego e castelhano possuem um fundo lexical largamente comum. Daí que palavras tais como *centro*, *papel*, *rótulo*, *mesa* ou *dedo* não tenham sido substituídas pelos cognatos castelhanos. Suponhamos por um momento que o catalão tivesse beneficiado na Galiza do mesmo estatuto de que usufruiu e usufrui o castelhano, e teríamos com certeza *centre*, *paper*, *ré-tolo*, *taula*, *dito* ou formas do género. E logo, não se diz já: *punte*, *techo*, *rodilla*, *tabla*, *aier*, *buenas-noches*...?!

Mas, será que os mesmos especialistas serão capazes de reconhecer a ação da influência semântica castelhana no uso de palavras e expressões como *por suposto* (*evidentemente*), *ó mellor* (*se calhar*) *celebrar-se* (*decorrer*), *pronto* (*logo*), *logo* (*depois*), *tarxeta* (*cartão*), *seguir* (*continuar*), *vale* (*de acordo*), *resultar* (*ser*), *abono* (*adubo*), *prenda* (*peça de roupa*), *praça* (*lugar*), *fixar-se* (*reparar*), *ocorrência* (*ideia*, *gracejo*), *partida* (*verba*), *ingressos* (*receitas*), *acreditar* (*atestar*, *avalizar*), *apartado* (*secção*), *benefícios* (*lucros*), *seguro* (*decerto*), *cristal* (*vidro*), *elixir* (*escolher*)...?

Por vezes as providências descastelhanizantes podem parecer justas: criação neológica (*beira-rua*), recurso a palavras tradicionais de uso atual limitado ou já substituídas na Galiza (*estrada*) extensão semântica (*quenda*). Na grande maioria dos casos, porém, ou nem se dá pela interfe-

rência ou, quando se dá, as propostas galeguizadoras são tão cativas e simplórias que beiram a parvoíce. Ou é que «soprete», «teléfono móbil», «conserxe», «xulgado» (*tribunal*), «invernadoiro», «fontaneiro» etc., deixam de ser cru e nu castelhano pelo facto de se adaptarem ortográfica, fonética ou morfológicamente ao galego? Ainda supondo que o «povo» passasse a dizer «por suposto» em vez de, como diz, «por supuesto» ou «neveira» em vez de «nevera», ou «desaparafusador» em vez de «destornillador»... deixaríamos por isso de ter uma língua decalcada do castelhano? Seica sim, pensarão alguns.

A verdade é que, atentando em como se costuma falar e escrever, a desoladora impressão é que quase tudo pode passar por galego, desde que borrifado aqui e acolá com doses *acaídas* de *rematares*, *esnaquizares*, *xeitos*, *málias*, e *mailos* costumeiros *xa que logos*, que funcionam como mecanismos compensatórios da hibridação linguística, afagando de caminho uma visão particularista e diferencial da língua que tanto nos empobrece e limita.

FALAR COM JEITO, pelo contrário, é um instrumento que resulta duma concepção ecuménica do galego (da língua galega, naturalmente) enquanto parte a integrar no espaço da língua comum – a língua portuguesa, assim dita e conhecida porque foi a nação portuguesa que a tornou língua nacional e internacional. Esta visão da nossa língua e de nós mesmos já não é nenhuma novidade. Aqui damo-la por ponto assente, por puro instinto de sobrevivência.

De **ocorrer** deriva **ocorrência** (= ‘aquilo que ocorre’) que pode ter por sinónimos ‘acontecimento’, ‘incidente’, ‘circunstância’ ou ‘frequência’:

[6] *É frequente a **ocorrência** de manifestações de estupidez*
(= *É frequente **ocorrerem**...*).

[7] *Tomou nota da **ocorrência**.*

[8] *Como se deve proceder em tal **ocorrência**?*

[9] *É rara a **ocorrência** dessa palavra* (= *É raro essa palavra **ocorrer***).

[10] *‘Sinónimo’ tem duas **ocorrências** neste texto* (=... ***ocorre** duas vezes...*).

→ «ocurrencia» / «ocurrente»: *ideia / engenhoso, -a.*

«¡Tiene cada ocurrencia!»: *Tem cada ideia!*

«Es una persona muy ocurrente»:

É uma pessoa muito engenhosa / aguda / engraçada / espirituosa.

A célebre frase a seguir coloca um curioso problema de tradução:
«una cosa es tener ideas y otra ocurrencias», cuja solução deixo à vossa curiosidade.

! Ocorrência nunca tem na nossa língua o sentido de ‘ideia’, ‘dito’ ou ‘observação espirituosa’.

93 –TALVEZ / SE CALHAR / *AO MELHOR

[1] **Talvez** *chegue amanhã.*

[2] **Se calhar** *é melhor adiarmos a reunião.*

[3] ***Ao melhor** *não tenho razão.*

Talvez e **se calhar** servem para exprimir POSSIBILIDADE ou INCERTEZA.

Talvez vai em regra seguido do verbo no modo Conjuntivo. Compare-se:

[4] **Talvez** esteja doente, por isso é que não vem.

[5] **Se calhar** está doente, por isso é que não vem.

Ou ainda:

[6] **Se calhar** é melhor não mexermos nisso. Sim, **talvez** seja melhor não mexermos aí.

Se calhar usa-se em Portugal, mas não no Brasil.

***Ao melhor** é decalque do castelhano «a lo mejor». Corresponde a **talvez**, **se calhar**.

Além dos ditos, dispomos doutros recursos para indicar POSSIBILIDADE ou INCERTEZA:

[7] *É possível que chegue amanhã.*

[8] *Pode ser que esteja doente.*

[9] *Para a tardinha, é capaz de chover.*

[10] *Virás? - Quiçá, quiçá.*

[11] *Esse é porventura o seu melhor filme.*

Nota sobre quiçá:

Em português comum **quiçá** é presentemente menos usado do que **talvez**. Em galego usamos ainda a forma **quiçais**, hoje arcaica em português comum.

Nota sobre porventura:

Emprega-se também para marcar ou reforçar uma HIPÓTESE:

[12] *Se porventura (= por acaso) não puderes vir, telefona.*

V. Igual / *Ao igual

3.- Indique qual é o sinónimo da palavra ou locuções em negrito.

Exemplo:

0. *Estava muito cansado, **todavia**, caminhou um pouco mais.*

- a) contudo b) ainda c) já

1. *Acordei, fiz um chá e **desde logo** comecei a trabalhar.*

- a) certamente b) imediatamente c) naturalmente

2. *É uma decisão que terá **por certo** consequências graves.*

- a) sem dúvida b) talvez d) a propósito

3. *Estava a chover, **assim mesmo**, saímos dar um passeio.*

- a) além disso b) apesar disso c) por isso

4. *É forte e, **além disso**, ágil.*

- a) porém b) ademais d) portanto

5. ***Assim que** tiver tempo, hei de vos fazer uma visita.*

- a) Enquanto b) Logo que c) De maneira que

6. *Qualquer um pode ser hipnotizado, **desde que queira**.*

- a) ainda que não queira b) querendo

c) mesmo que queira

7. *Deve escrever-se com brevidade e clareza, **mormente**, num escrito didático.*

- a) sobretudo b) ainda c) por via de regra

8. ***Por via de regra** cada sessão dura duas horas.*

- a) Por vezes b) Geralmente

c) Obrigatoriamente